

OBSTÁCULOS

O desafio de ampliar a proteção no Brasil

Mudanças climáticas, transformação digital e novos riscos impulsionam o setor, que busca ampliar a proteção de famílias e empresas e conquistar consumidores ainda fora do mercado de seguros

Ana Esteves, Especial

economia@jornaldocomercio.com.br

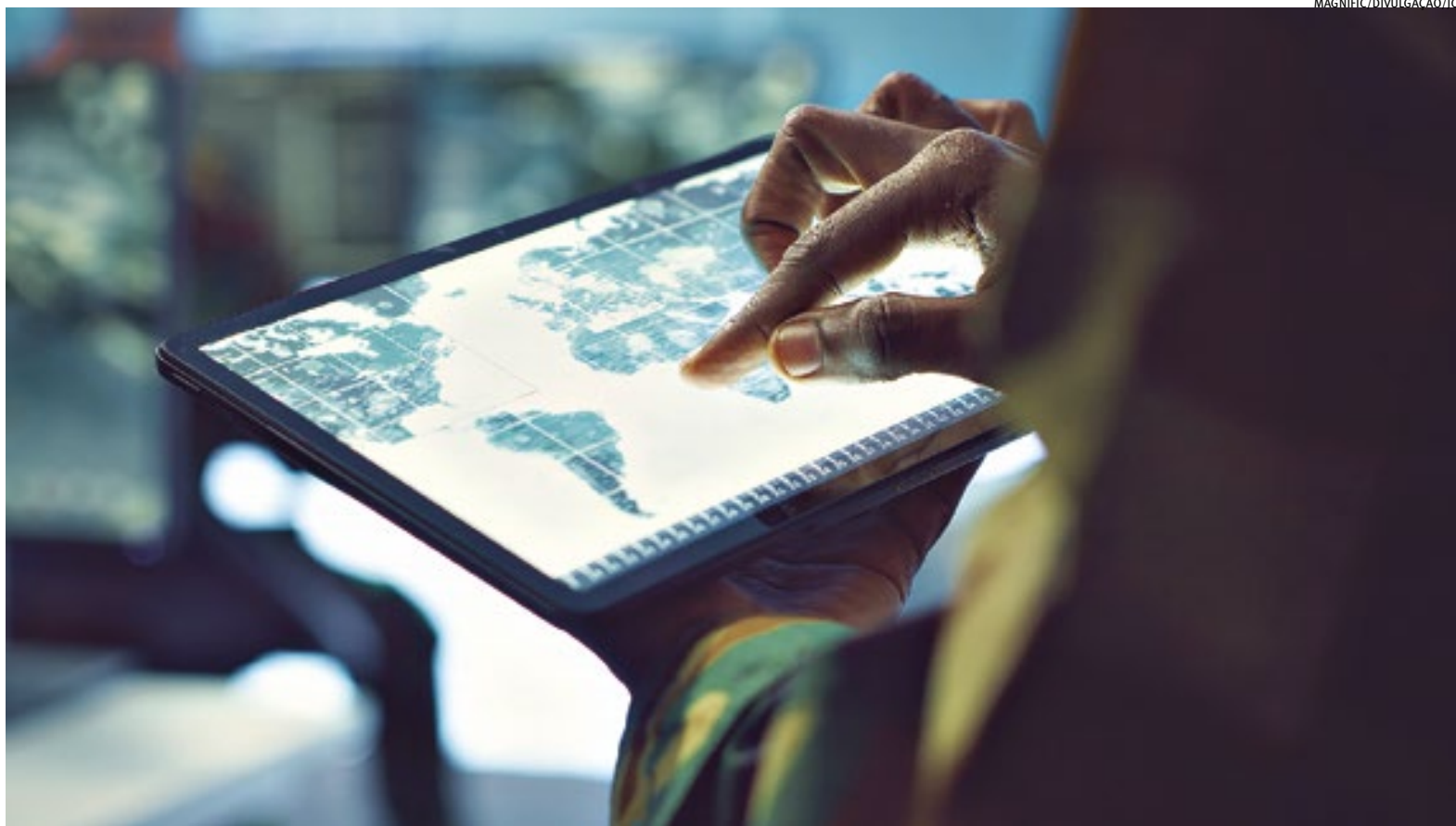
Os próximos anos devem colocar o mercado de seguros diante de desafios que vão além do crescimento da carteira. Mudanças climáticas, transformação tecnológica, novas regras para os contratos, baixa penetração do seguro e a necessidade de ampliar a proteção para famílias e empresas estão entre os principais pontos de atenção. Ao mesmo tempo, o setor identifica espaço para avançar em segmentos como vida, previdência, saúde, proteção patrimonial e riscos cibernéticos.

“Esse cenário abre uma janela para o mercado ampliar sua relevância na economia brasileira”, afirma o presidente do Clube de Seguros de Vida e Benefícios do Rio Grande do Sul (CVG-RS), Gilberto Bittencourt.

A avaliação sobre 2026 é positiva, apesar de um ambiente econômico que ainda exige cautela. A percepção é de que a maior preocupação das famílias com segurança financeira e planejamento de longo prazo vem sustentando a demanda por produtos de proteção. Entre os segmentos com maior dinamismo estão seguros de vida, previdência privada, saúde suplementar e produtos voltados à proteção financeira das pessoas físicas. O movimento é associado também ao envelhecimento da população, à diversificação dos investimentos e à percepção crescente dos riscos relacionados à saúde, renda e patrimônio.

No Rio Grande do Sul, os eventos climáticos extremos deram uma dimensão concreta a uma transformação que já vinha sendo observada pelo setor. Para o executivo, catástrofes naturais deixaram de ser tratadas como ocorrências excepcionais e passaram a integrar o planejamento de empresas, governos e famílias.

“As seguradoras vêm ampliando investimentos em tecnologia, modelos de avaliação de risco e utilização de dados climáticos, além de revisar produtos e coberturas. O movimento envolve também uma aproximação maior com resseguradores, órgãos públicos e



MAGNIFIC/DIVULGAÇÃO/JC

Setor identifica espaço para avançar em segmentos como vida, previdência, saúde, proteção patrimonial e riscos cibernéticos

especialistas em clima”, afirma.

Nesse contexto, o seguro ganha uma função que ultrapassa a indenização após um evento, pois a atividade passa a integrar uma estratégia de adaptação econômica, ao contribuir para a recuperação de empresas, propriedades e famílias atingidas por desastres. A capacidade de reconstrução após uma

catástrofe passa, portanto, a ser também uma questão de resiliência econômica.

A transformação digital é outro eixo de mudança. Inteligência artificial, automação, análise de dados e plataformas digitais já estão alterando etapas que vão da contratação à regulação de sinistros. Além de reduzir custos e aumentar a

produtividade, as ferramentas permitem desenvolver produtos mais personalizados, de acordo com o perfil e as necessidades dos consumidores.

Para o executivo, o avanço tecnológico também pode ajudar a enfrentar uma das principais barreiras à expansão do mercado: a percepção de que o seguro é caro,

complexo ou distante da realidade de parte da população.

“Nesse processo, o papel do corretor tende a mudar, mas não necessariamente a perder relevância. Atividades repetitivas podem ser automatizadas, liberando tempo para que o profissional se concentre na orientação, no relacionamento e na identificação dos riscos de cada cliente”.

Apesar da evolução do mercado, o Brasil ainda apresenta espaço significativo para ampliar a cobertura securitária. Para Bittencourt, a baixa compreensão sobre a função do seguro continua sendo um obstáculo estrutural, pois muitas pessoas ainda associam o produto a uma despesa, e não a uma ferramenta de proteção financeira. A resposta, segundo o executivo, passa por educação financeira e securitária, comunicação mais simples e produtos acessíveis.

“Microseguros, seguros por demanda e soluções personalizadas aparecem como alternativas para alcançar consumidores que permanecem fora do mercado”. Entre as fronteiras de expansão estão ainda os seguros relacionados aos riscos climáticos e cibernéticos. A digitalização da economia amplia a exposição de empresas, profissionais e pessoas físicas a fraudes, vazamentos de dados e ataques virtuais, criando novas demandas por proteção.



CVG-RS/DIVULGAÇÃO/JC

Bittencourt destaca que as seguradoras vêm ampliando investimentos em tecnologia